

Resumo Semanal

08/08 a 15/08

Cenário Internacional

As bolsas americanas tiveram um desempenho positivo nessa semana e o S&P500 encerrou com uma valorização de 0,94%. O dólar registrou uma queda de 0,73% frente ao real.

Nos indicadores econômicos, o destaque da semana foi para os dados de inflação nos Estados Unidos. O índice de preços ao consumidor (CPI) de julho subiu 0,2% no mês, mantendo a taxa anual em 2,7%, ligeiramente abaixo da expectativa de 2,8%. Por outro lado, o índice de preços ao produtor (PPI) surpreendeu com alta de 0,9% no mês, maior variação mensal em três anos, frente à previsão de 0,2%. Os números do CPI reforçaram as apostas de corte de juros pelo Federal Reserve (Fed) em setembro, com o mercado precificando 85% de probabilidade de redução na próxima reunião.

No cenário político e comercial, Estados Unidos e China anunciaram a prorrogação por 90 dias da tregua tarifária, mantendo temporariamente menores as alíquotas sobre produtos de ambos os países. No campo político, a diretora do Fed, Michelle Bowman, reiterou apoio a cortes, citando a fraqueza do mercado de trabalho, enquanto o presidente do Fed de Chicago, Austan Goolsbee, demonstrou cautela, defendendo a necessidade de queda sustentada da inflação antes de apoiar novas reduções.

O mercado reagiu de forma positiva ao longo da semana, com S&P 500 e Nasdaq renovando máximas históricas, impulsionados pelo CPI em linha com as expectativas e pela manutenção da tregua comercial.

Variação do Dólar



Desempenho do dólar

	Na Semana	No mês	No ano
	-0,73%	-3,59%	-12,58%

Ativo	Na Semana	No Mês	No Ano
S&P 500	0,94%	1,74%	9,66%
Nasdaq	0,81%	2,33%	11,97%

Brasil

Bolsa

No Brasil, o Ibovespa teve um desempenho de -0,01%, encerrando aos 136.341 pontos.

O mercado segue atento à temporada de balanços, que entra na última semana com forte volume de divulgações no país, reunindo boa parte dos resultados mais relevantes.

A M. Dias Branco (MDIA3) registrou forte valorização após divulgar, na sexta-feira pós-feriado (08/08), resultados sólidos no 2T25. A receita líquida somou R\$ 2,72 bilhões (+3,6% A/A) e o lucro líquido avançou 14%, para R\$ 216 milhões, impulsionado por execução comercial eficiente e controle de despesas. A geração de caixa operacional atingiu R\$ 416 milhões (+96,7%), com a companhia encerrando o trimestre com caixa líquido de R\$ 328 milhões.

O BTG Pactual (BPAC11) registrou lucro líquido ajustado recorde de R\$ 4,2 bilhões no 2T25 (+42% A/A) e receita total de R\$ 8,3 bilhões (+38%), com ROAE anualizado de 27,1%.

A Itaúsa (ITSA4) também apresentou resultados históricos, com lucro líquido recorrente de R\$ 4,0 bilhões (+11% A/A) e ROE recorrente anualizado de 18,4%. O desempenho foi impulsionado pelo resultado do Itaú Unibanco e pelo crescimento das participações em Alparagatas e Copa Energia. A companhia ainda anunciou o pagamento de R\$ 2,7 bilhões em JCP referentes a 2025, sendo R\$ 0,15 por ação (yield aproximado de 1,44%), com data-base em 18 de agosto, e R\$ 0,05 por ação (yield aproximado de 0,46%), com data-base em 20 de junho. O pagamento está previsto para 29 de agosto.

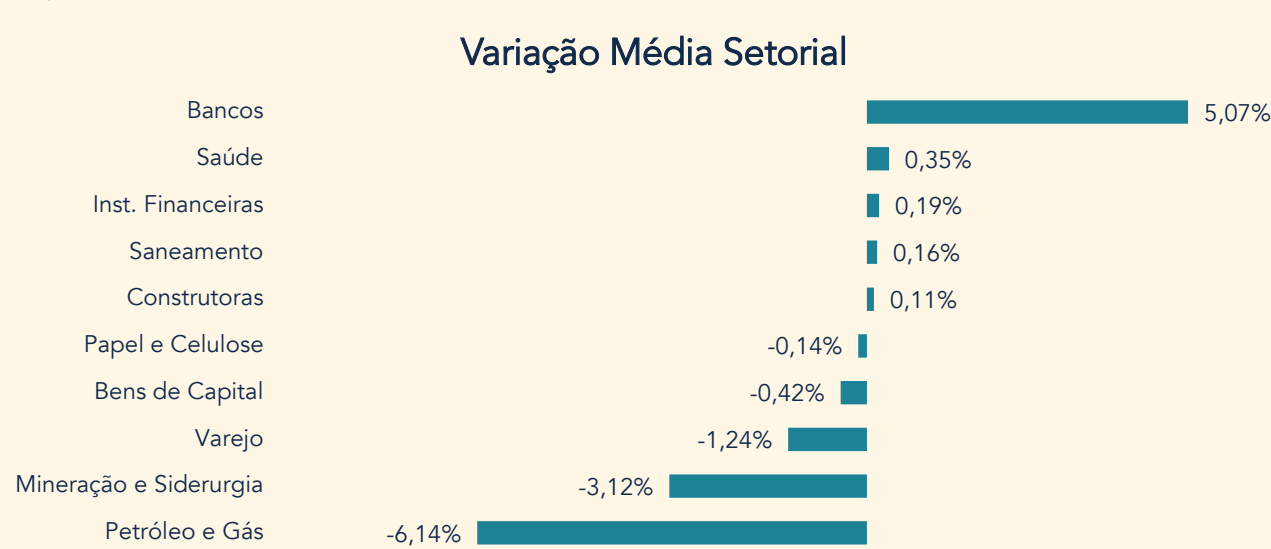
A Porto Seguro (PSSA3) reportou lucro líquido de R\$ 878 milhões no 2T25, alta de 50% na comparação anual, com receita total de R\$ 10 bilhões (+12%). O ROAE consolidado atingiu 24,6%, refletindo eficiência e rentabilidade em todas as unidades de negócio.

A CVC Corp (CVCB3) apresentou desempenho operacional positivo no 2T25, com reservas confirmadas crescendo 15% e EBITDA ajustado avançando 31%, para R\$ 92,3 milhões. Apesar disso, registrou prejuízo líquido ajustado de R\$ 15,9 milhões, impactado por maiores despesas financeiras, e as ações encerraram o pregão entre as maiores quedas do Ibovespa no dia 13 de agosto.

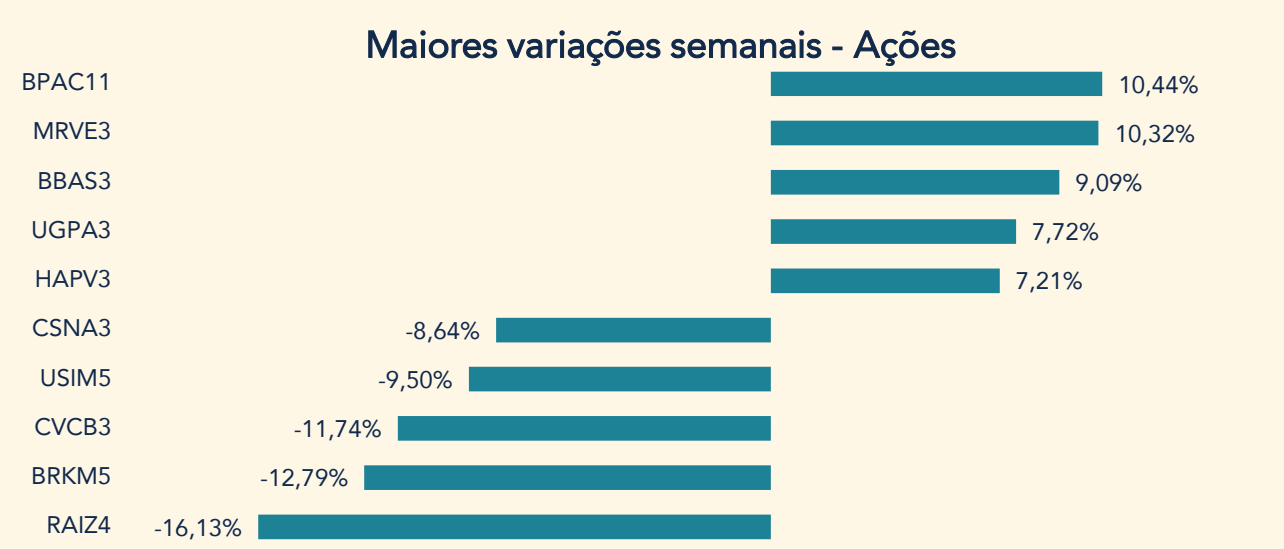
A Moura Dubeux (MDNE3) registrou lucro líquido de R\$ 120 milhões (+60,6%) no 2T25 e receita recorde de R\$ 665 milhões (+69,6%). Os lançamentos somaram R\$ 1,8 bilhão e as vendas líquidas bateram recorde de R\$ 1,19 bilhão (+142,5%). O ROAE superou 20% e a alavancagem permaneceu baixa.

O Banco do Brasil (BBAS3) apresentou lucro líquido recorrente de apenas R\$ 3,8 bilhões no 2T25, ficando 27,4% abaixo do consenso. O resultado representa uma queda expressiva de 48,7% t/t e 60,2% A/A, refletindo principalmente a piora da qualidade de crédito e o consequente aumento das provisões. O ROE recuou para 8,2% (-7,5 p.p. t/t; -12,8 p.p. A/A), o menor patamar desde 2016 e o mais baixo entre os grandes bancos incumbentes. Entre os principais fatores negativos estão a inadimplência persistente no agronegócio, o aumento da inadimplência em PF e PMEs e o custo de crédito, que saltou 104% A/A e 57% t/t, atingindo R\$ 15,9 bilhões, evidenciando a rapidez e magnitude da deterioração. Do lado positivo, a receita líquida de juros apresentou recuperação parcial frente ao 1T25 e as despesas administrativas permaneceram sob controle. Apesar de um início com bastante volatilidade, as ações fecharam com alta de +4,03% aos R\$ 20,65.

Variação Média Setorial



Maiores variações semanais - Ações

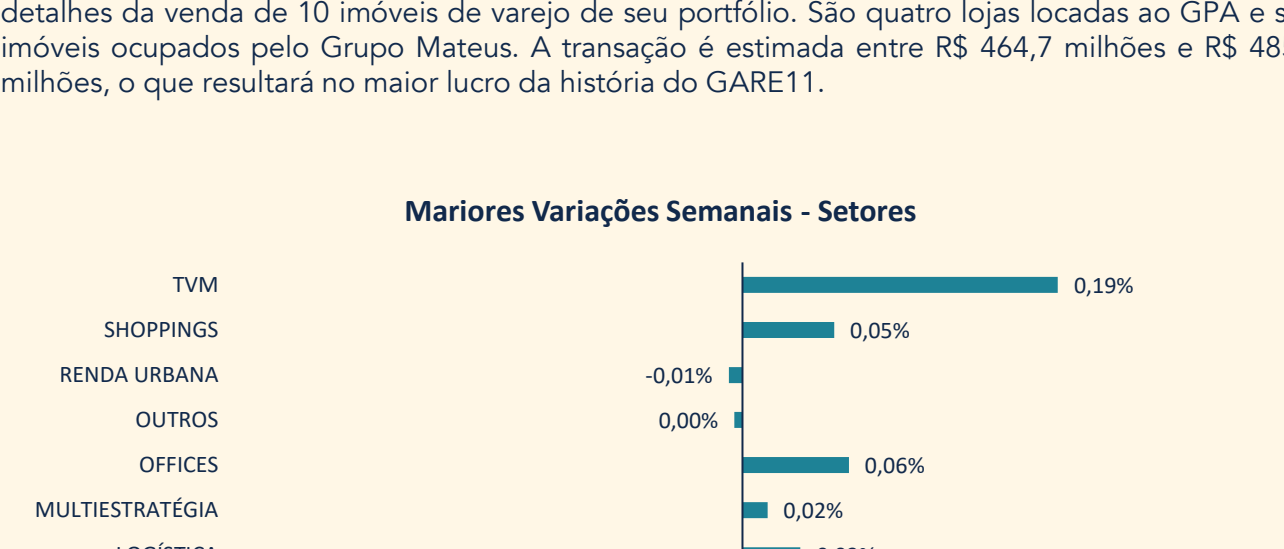


Fundos Imobiliários

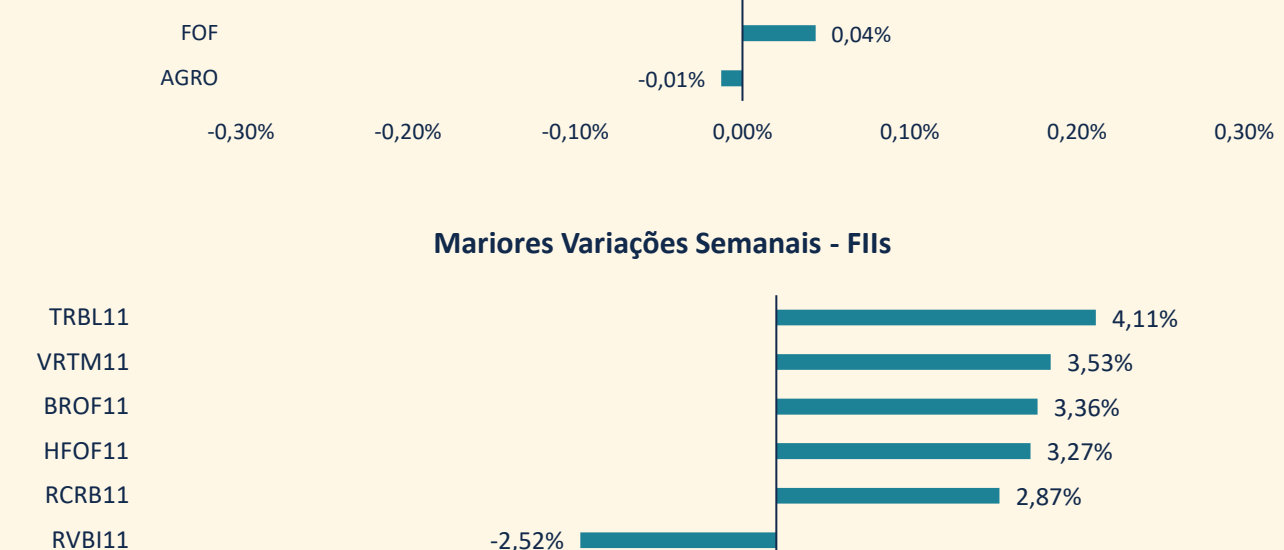
A performance do IFIX na semana foi de 0,34%, com destaque para os setores de Títulos e Valores Mobiliários, Offices e Shoppings, com performances, respectivamente, 0,19%, 0,06% e 0,05%.

Dos fundos acompanhados pela área de produtos, tivemos duas atualizações: (i) o fundo (TRXF11 anunciou a compra de três imóveis locados para o Grupo Pão de Açúcar, em um negócio de R\$ 98,85 milhões. Os ativos ficam nos bairros de Santana e Lapa, em São Paulo (SP), e na Granja Viana, em Cotia (SP). Todos já estão em operação e contam com contratos de locação atípicos de longo prazo, entre 15 e 20 anos; e (ii) O fundo GARE11 apresentou em seu relatório gerencial de junho os detalhes da venda de 10 imóveis de varejo de seu portfólio. São quatro lojas localizadas ao GPA e seis imóveis ocupados pelo Grupo Mateus. A transação é estimada entre R\$ 464,7 milhões e R\$ 485,5 milhões, o que resultará no maior lucro da história do GARE11.

Maiores Variações Semanais - Setores



Maiores Variações Semanais - FII's



Juros e Renda Fixa

A semana terminou com queda das taxas depois de altas e vindas ao longo do mês. No mercado doméstico, os leilões do Tesouro foram o principal gatilho: a maior oferta de NTN-B na semana chegou a abrir prêmios, mas um leilão menor e bem absorvido de prefixados ajudou a tirar pressão e puxou os juros para baixo, sobretudo nos prazos médios e longos. A queda foi reforçada pelo ambiente externo, com maior probabilidade de corte de juros nos EUA e leituras de inflação mais baixas, o que reduziu o prêmio de risco exigido pelo mercado.

Na semana de 08 a 14 de agosto, houve uma queda geral, o DI jan/26 recuou de 14,91% para 14,89%, praticamente estável, ainda ancorado pela Selic parada e pelo impacto inicial da maior oferta de NTN-B. A queda foi mais nítida nos prazos intermediários e longos, onde o DI jan/27 caiu de 14,13% para 13,95%, o jan/29 de 13,30% para 13,14% e o jan/31 de 13,50% para 13,41%. Esse movimento combina o leilão menor e bem absorvido de prefixados, que tirou pressão da curva, com o ambiente externo mais favorável (maior probabilidade de corte nos EUA e inflação mais baixa), reduzindo o prêmio pedido pelo mercado.

A semana foi positiva para os índices de renda fixa, em linha com a queda das taxas. Entre os títulos públicos, o IRF-M (prefixados) subiu 0,46%, enquanto os papéis indexados ao IPCA avançaram: IMA-B (+0,41%), IMA-B 5 (+0,48%) e IMA-B 5+ (+0,37%). Esse comportamento mostra que, com os juros recuando, os preços dos títulos sobem, especialmente nos prazos curtos e intermediários, que reagiram um pouco mais rápido nesta semana.

No crédito privado, o movimento também foi positivo. O IDA DI (debêntures atreladas ao CDI) avançou 0,21%, sustentado pelo carregamento do CDI (+0,28%). Já o IDA IPCA (debêntures indexadas à inflação) teve alta de 0,50%, acompanhando o bom desempenho dos títulos públicos IPCA+.

Índice	Retorno		Retorno Acumulado			Descrição	Títulos Impactados
	08/08 - 15/08	Mês	2025	1 Mês	12 Meses		
CDI	0,28%	0,55%	8,37%	1,28%	12,73%	Taxa referencial de empréstimos entre bancos.	CDBs, LCIs, LCAs, Fundos DI, Debêntures CDI.
IMA-B	0,41%	1,29%	9,33%	1,10%	3,27%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA.	Tesouro IPCA+ em geral (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5	0,48%	1,00%	7,41%	1,33%	8,36%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento até 5 anos.	Tesouro IPCA+ de curto prazo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5+	0,37%	1,51%	10,71%	0,95%	-0,39%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento acima de 5 anos.	Tesouro IPCA+ longo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IRF-M	0,46%	1,25%	12,49%	1,79%	10,09%	Índice de títulos públicos prefixados.	Tesouro Prefixado (LTN e NTN-F), Debêntures Prefixadas, CRIs, CRAs.
IDA DI	0,21%	0,51%	10,24%	1,29%	13,96%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao CDI.	Debêntures DI, CRIs e CRAs.
IDA IPCA	0,50%	1,75%	12,17%	1,64%	7,47%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao IPCA.	Debêntures IPCA+, CRIs e CRAs.

